

O Pântano Lunar

H.P. Lovecraft

Em algum lugar, em que remota e temível região eu não sei, Denys Barry partiu. Eu estava com ele na última noite que passou entre os homens e ouvi seus gritos quando a coisa o alcançou, mas os camponeses e a polícia do Condado de Meath jamais conseguiram encontrá-lo, nem aos outros, embora houvessem procurado até muito longe e por muito tempo. E agora eu estremeço sempre que escuto rãs coaxando nos brejos ou vejo a Lua de lugares ermos.

Conheci Denys Barry muito bem nos Estados Unidos, onde ele enriqueceu, e me congratulei com ele quando comprou de volta o velho castelo ao lado do pântano na sonolenta Kilderry. Fora de Kilderry que seu pai viera e era lá que ele pretendia gozar sua riqueza em meio aos cenários ancestrais. Gente de seu sangue havia governado Kilderry no passado, onde ergueram e habitaram o castelo, mas aqueles tempos eram muito remotos e por várias gerações o castelo ficou vazio e arruinado. Depois de viajar para a Irlanda, Barry me escrevia assiduamente contando como, debaixo de seus cuidados, o castelo cinzento fora recuperando, torre a torre, o antigo resplendor, como a hera fora crescendo lentamente pelas paredes restauradas tal como fizera muitos séculos antes e como os camponeses o abençoavam por trazer de volta os velhos tempos com seu ouro de ultramar. Com o passar do tempo, porém, surgiram problemas e os camponeses deixaram de abençoá-lo e fugiram como que de uma maldição. Foi quando ele me escreveu pedindo para visitá-lo, pois se

sentia só no castelo, sem ter com quem conversar afóra os novos criados e operários que trouxera do Norte.

O pântano era o motivo daqueles problemas todos, contou-me Barry na noite em que cheguei no castelo. Desci em Kilderry em um entardecer de verão, com o dourado do céu iluminando o verde das colinas e bosques, e o azul do pântano, onde uma estranha e ancestral ruína resplandecia espectralmente sobre uma ilhota distante. Era um pôr-do-sol esplêndido, mas os camponeses de Ballylough me haviam prevenido sobre ele e contado que Kilderry ficara amaldiçoada, o que quase me produziu calafrios quando avistei os altos torreões do castelo dourados pelo fogo. Como a ferrovia não passa por Kilderry, o carro de Barry fora-me apanhar na estação de Ballylough. Os aldeões evitaram o carro e o motorista do Norte, mas sussurraram para mim, com os rostos lívidos, quando notaram que eu ia para Kilderry. Naquela noite, depois de nos encontramos, Barry me contou por quê.

Os camponeses haviam fugido de Kilderry porque Denys Barry pretendia drenar o grande pântano. Com todo seu amor pela Irlanda, a América não deixara de o influenciar, e ele detestava o belo espaço abandonado onde poderia cortar a turfa e explorar a terra. As lendas e superstições de Kilderry não o sensibilizaram e ele riu quando os camponeses recusaram-se a ajudar e depois o amaldiçoaram e partiram para Ballylough com seus míseros pertences quando perceberam que ele estava decidido. Para ocupar seu lugar, ele mandou vir trabalhadores do Norte e, quando os criados foram-se, ele os substituiu do mesmo modo. Mas, sentindo-se solitário entre estranhos, Barry pediu que eu viesse.

Quando escutei os medos que haviam expulsado as pessoas de Kilderry, ri tão alto quanto meu amigo, pois eram medos vagos, alucinados e absurdos. Tinham a ver com alguma lenda grotesca associada ao pântano e a um soturno espírito guardião que habitava a curiosa e ancestral ruína na ilhota distante que eu avistara no entardecer. Corriam histórias sobre luzes dançando na escuridão do luar e ventos gélidos em noites quentes; sobre espectros vestidos de branco pairando sobre as águas e uma fantástica cidade de pedra nas profundezas da superfície pantanosa. Mas, das fantasias exóticas, a mais notável e única em sua absoluta unanimidade era a da maldição que cairia sobre aquele que ousasse perturbar ou drenar o imenso e avermelhado pântano. Havia segredos, diziam os camponeses, que não deviam ser revelados, segredos que tinham ficado ocultos desde a praga que descera sobre os filhos dos partolanos, nos tempos fabulosos anteriores à História. No Livro dos invasores conta-se que esses descendentes dos gregos foram todos sepultados em Tallaght, mas os antigos de Kilderry diziam que uma cidade fora poupada por negligência de sua deusa-lua padroeira, de forma que somente as colinas arborizadas a sepultariam quando os homens de Nemed vieram da Cítia em seus trinta navios.

Foram histórias inócuas como essa que fizeram os camponeses sair de Kilderry, e, quando as ouvi, não me surpreendeu que Denys Barry não tivesse dado ouvidos a elas. Ele tinha, porém, um grande interesse por coisas antigas e pretendia explorar o pântano todo quando estivesse drenado. Por diversas vezes, ele havia visitado as ruínas brancas na ilhota, mas, embora sua idade fosse muito antiga e seus contornos muito pouco parecidos

com a maioria das ruínas da Irlanda, elas estavam estragadas demais para revelar seus tempos gloriosos. Agora o trabalho de drenagem estava pronto para começar e os trabalhadores do Norte logo estariam despindo o pântano proibido de seu musgo verde e sua turfa vermelha, e extinguindo os minúsculos regatos forrados de conchas e os plácidos poços azuis rodeados de juncos.

Depois de Barry me contar todas essas coisas, senti um grande sono, pois as andanças do dia tinham sido cansativas e meu anfitrião ficara falando até tarde da noite. Um criado conduziu-me ao meu quarto, que ficava em uma torre remota com vista para o vilarejo, a planície às margens do pântano e o próprio pântano, de cujas janelas eu podia ver, banhados pelo luar, os telhados silenciosos de onde os camponeses tinham fugido e que agora abrigavam os trabalhadores do Norte e, também, a igreja paroquial com seu campanário antigo, e muito ao longe, por sobre o pântano envolvente, o brilho alvacentos e espectral da distante ruína antiga sobre a ilha. No momento em que eu caía no sono, julguei ouvir sons abafados ao longe. Eram sons bárbaros e meio musicais provocando uma estranha agitação que perturbou meus sonhos. Mas, quando acordei na manhã seguinte, senti que tudo não passara de um sonho, pois as visões que eu tivera eram mais fantásticas do que qualquer som de flautas bárbaras no meio da noite. Influenciada pelas lendas que Barry me havia relatado, minha mente sonada pairara sobre uma cidade imponente em um vale verdejante, onde ruas e estátuas de mármore, vilas e templos, entalhes e inscrições, tudo falava com justa harmonia das glórias da Grécia antiga. Quando contei o

sonho a Barry, ambos caímos na risada, mas fui eu quem riu mais alto, porque ele estava perplexo com o comportamento de seus trabalhadores do Norte. Era a sexta vez que todos eles haviam dormido além da hora, despertando muito devagar e atônitos e agindo como se não houvessem repousado, embora se tivessem recolhido cedo na noite anterior.

Durante a manhã e a tarde daquele dia, eu errei sozinho pelo vilarejo dourado pelo sol, conversando de vez em quando com trabalhadores ociosos, pois Barry estava muito ocupado com os planos finais para iniciar a obra de drenagem. Os trabalhadores não pareciam muito satisfeitos e a maioria deles parecia incomodada por algum sonho que havia tido, mas de que tentava, em vão, lembrar-se. Contei-lhes meu sonho, mas eles não ficaram interessados até eu mencionar os sons esquisitos que pensara ter ouvido. Aí eles me olharam de maneira estranha e pareceram lembrar-se também de sons estranhos.

À noite, Barry jantou em minha companhia e anunciou o início da drenagem para dois dias depois. Fiquei contente, pois, embora não me agradasse o desaparecimento do musgo, da urze, dos regatos e dos lagos, sentia um desejo crescente de conhecer os segredos antigos que a turfa emaranhada poderia ocultar. Naquela noite, meus sonhos com sopros de flautas e peristilos de mármore encerraram-se de maneira súbita e inquietante, pois vi descer sobre a cidade do vale uma pestilência e depois uma pavorosa avalanche de lodo coberto de mato, que recobriu os corpos mortos nas ruas deixando descoberto apenas o templo de Artemis no pico elevado onde Cieis, a idosa sacerdotisa lunar, jazia fria e

silenciosa com uma coroa de marfim sobre os cabelos prateados.

Disse que acordei abruptamente e alarmado. Durante algum tempo, fiquei sem saber se estava dormindo ou acordado, pois o som de flautas ainda retinia em meus ouvidos, mas, quando notei sobre o assoalho os gélidos raios do luar e o desenho de uma janela gótica gradeada, decidi que devia estar acordado e no castelo de Kilderry. Depois ouvi um relógio de algum patamar de escada abaixo soar as duas horas e soube que estava acordado. Entretanto, continuava chegando até mim aquele monstruoso e distante sopro de flauta, melodias exóticas, bárbaras, que me faziam pensar em alguma dança de faunos na distante Maenalus. Ele não me deixaria dormir e, cheio de impaciência, saltei da cama e fiquei andando de um lado para outro. Foi por acaso que fui até a janela do norte e olhei para fora, para o vilarejo silencioso e a planície na beirado pântano. Querendo dormir, eu não estava com o menor desejo de olhar para fora, mas as flautas me atormentavam e eu precisava fazer ou ver alguma coisa. Como poderia ter imaginado o que haveria de ver?

Lá, banhado pelo luar que se espraiava sobre a vasta planície, desenrolava-se um espetáculo que nenhum mortal, depois de o ver, poderia esquecer. Ao som de flautas pastoris que ecoavam sobre o pântano, deslizava, silente e misteriosa, uma multidão mesclada de figuras contorcendo-se e enrodilhando-se em uma orgia como a que os sicilianos poderiam ter dançado para Demeter, nos velhos tempos, sob o luar da colheita, às margens do Cyane. A extensa planície, o luar dourado, as formas obscuras movimentando-se e, acima de tudo, o

arrepiaante e monótono som das flautas produziram um efeito paralisante, mas, com todo o medo que tomara conta de mim, pude notar que metade daqueles dançarinos mecânicos e incansáveis eram os trabalhadores que eu julgava adormecidos, e a outra metade era formada por estranhos seres airosos vestidos de branco, de uma natureza quase indefinível, mas sugerindo pálidas náiades lascivas das fontes assombradas do pântano. Não sei quanto tempo me demorei olhando essa visão da janela solitária da torre até desmaiar subitamente em um sono sem sonhos do qual fui despertado pelo sol alto da manhã.

Meu primeiro impulso ao acordar foi comunicar meus temores e observações a Denys Barry, mas, vendo a luz do sol brilhando pela janela do leste, tive a certeza de que não havia nada de real no que eu pensara ter visto. Sou dado a estranhas ilusões, mas não sou fraco a ponto de acreditar nelas e, nas circunstâncias, contentei-me com interrogar os trabalhadores que haviam dormido até muito tarde e não conseguiram lembrar-se de nada do que acontecera na noite anterior, exceto sonhos vagos povoados de sons arrepiantes. Essa menção ao sopro espectral me deixou muito perturbado e fiquei tentando imaginar se os grilos de outono não poderiam ter chegado antes da época, perturbando a noite e assombrando a imaginação dos homens. Mais tarde, encontrei Barry na biblioteca estudando atentamente os planos para a grande obra que devia começar no dia seguinte e, pela primeira vez, senti um pingão daquela mesma sensação de medo que havia provocado a fuga dos camponeses. Por alguma razão que não conseguia entender, apavorava-me a idéia de perturbar o antigo

pântano com seus segredos ocultos, e fiquei imaginando visões pavorosas, ocultas na desmedida espessura da turfa ancestral. Pareceu-me imprudente trazer à luz aqueles segredos e tratei de procurar uma boa desculpa para sair do castelo e da aldeia. Cheguei a ponto de falar casualmente a Barry do assunto, mas não ousei prosseguir quando ele soltou sua estrondosa gargalhada. Assim, estava quieto quando o Sol deslumbrante pôs-se atrás das colinas distantes e o castelo de Kilderry incendiou-se de vermelho e dourado em um fulgor que parecia um presságio.

Jamais saberei ao certo se os acontecimentos daquela noite foram reais ou imaginários. Eles com certeza transcenderam a tudo que já sonhamos sobre a natureza e o universo, mas nenhuma fantasia normal poderia explicar os desaparecimentos que ficaram conhecidos de todos depois que tudo acabou. Recolhi-me cedo, cheio de terror, e durante algum tempo não consegui dormir envolvido no soturno silêncio da torre. Estava muito escuro, pois, embora o céu estivesse descoberto, a Lua ia avançada em sua fase minguante e só surgiria nas primeiras horas da madrugada. Ali deitado, fiquei pensando em Denys Barry e no que aconteceria com o pântano quando o dia raiasse, e senti um impulso quase irresistível de sair correndo, pegar o carro de Barry e guiar como um louco até Ballylough, afastando-me daquelas terras ameaçadas. Antes que meus pavores cristalizassem-se em ação, porém, caí no sono, avistando, em sonhos, a cidade fria e morta no vale sob uma pavorosa mortalha de sombra.

Provavelmente foi o som agudo das flautas que me despertou, mas aquele som não foi o que primeiro eu

notei ao abrir os olhos. Estava deitado de costas para a janela do leste que dava para o pântano, onde a Lua minguante surgiria, e esperava ver a luz projetar-se na parede oposta à minha frente, mas não esperava a visão que efetivamente apareceu. A luz iluminou com efeito os painéis à frente, mas não era uma luz que pudesse ser da Lua. Um feixe terrível e penetrante de fulgor escarlate cruzou a janela gótica e todo o quarto iluminou-se com resplendor intenso e sobrenatural. Minhas primeiras reações foram típicas de uma situação assim, mas é só nos contos que as pessoas agem de maneira dramática e calculada. Em vez de olhar por sobre o pântano para a fonte daquela nova luz, afastei os olhos da janela, apavorado, e me enfiei nas roupas atabalhoadamente com alguma confusa idéia de fuga. Lembro-me de ter pego o revólver e o chapéu, mas, antes de tudo terminar, eu havia perdido ambos, sem atirar com um nem vestir o outro. Alguns instantes depois, o fascínio da radiação vermelha venceu o terror. Arrastei-me até a janela do leste e olhei para fora enquanto o sopro ininterrupto e enlouquecedor reverberava pelo castelo e sobre todo o vilarejo.

Espalhava-se sobre o pântano um dilúvio de luz fulgurante, escarlate e sinistra, irradiando da estranha ruína na ilhota distante. O aspecto da ruína era indescritível — eu devia estar louco, pois ela parecia erguer-se imponente e intacta, esplêndida e rodeada de colunas, com o mármore esbraseado de seu entablamento, perfurando o céu como o vértice de um templo no cume de uma montanha. Flautas assobiavam e tambores começaram a rufar e, olhando com espanto e terror, pensei avistar saltitantes formas escuras

destacando-se grotescamente contra a vista marmórea e resplendente. O efeito era fantástico — absolutamente inimaginável — e eu poderia ter-me quedado indefinidamente em sua admiração se não tivesse notado um crescendo das flautas à minha esquerda. Tremendo de um terror curiosamente mesclado com êxtase, atravessei o recinto circular até a janela do Norte, de onde podia ver o vilarejo e a planície à beira do pântano. Ali meus olhos arregalaram-se de novo com um prodígio tão fabuloso, que era como se não houvesse acabado de me afastar de uma cena muito além das fronteiras naturais, pois, na planície sinistramente vermelhada, avançava uma procissão de criaturas como jamais se viu, exceto em pesadelos.

Meio deslizando, meio flutuando no ar, os espectros do pântano vestidos de branco recuavam lentamente para as águas paradas e as ruínas da ilha em formações fantásticas sugerindo alguma dança cerimonial antiga e solene. Seus braços translúcidos, agitando-se ao som do pavoroso sopro daquelas flautas invisíveis, acenaram de maneira excepcional, em um ritmo esquisito, para um grupo de trabalhadores desarvorados que os seguiam, como cães, cambaleando, cegos e indiferentes, como que arrastados por uma vontade demoníaca canhestra, mas irresistível. Quando as náiades aproximaram-se do pântano, sem alterar seu curso, uma nova fileira de desgarrados cambaleantes zigue-zagueando como ébrios saiu do castelo por alguma porta traseira muito abaixo de minha janela, atravessou às apalpadelas o pátio e o trecho de terreno até o vilarejo para se juntar à trôpega coluna de trabalhadores na planície. Apesar da distância, pude perceber

prontamente que eram os criados trazidos do Norte, ao reconhecer a forma encorpada e repulsiva do cozinheiro, que, de absurda que era, havia adquirido uma dimensão trágica. O sopro das flautas era apavorante, e novamente eu pude ouvir o rufar dos tambores na direção das ruínas da ilha. Depois, tranqüila e graciosamente, as náiades chegaram até a água e desfizeram-se, uma a uma, no pântano ancestral, enquanto a coluna de seguidores, sem poder controlar seus passos, chapinhou desajeitadamente atrás delas até desaparecer em um minúsculo vórtice de borbulhas repulsivas que eu mal pude enxergar sob aquela luminosidade escarlate. E, quando o último errante patético, o cozinheiro gordo, afundou pesadamente naquele poço imundo, as flautas e tambores silenciaram e os magnetizantes raios vermelhos das ruínas com certeza apagaram-se instantaneamente, deixando o vilarejo maldito, solitário e desolado, sob os lívidos raios da Lua que acabara de surgir.

O caos de meu estado era indescritível. Sem saber se estava louco ou são, dormindo ou acordado, fui salvo por um misericordioso torpor. Creio que fiz coisas ridículas, como rezar para Ártemis, Latona, Demeter, Perséfone e Plutão. E tudo aquilo de que eu me recordava de uma juventude passada entre os clássicos, veio-me aos lábios quando o horror da situação despertou minhas mais fundas superstições. Sentia que testemunhara a morte de todo um vilarejo e sabia que estava sozinho, no castelo, com Denys Barry, cuja ousadia trouxera uma maldição. Quando pensei nele, novos terrores me assediaram e caí no chão sem desmaiar, mas fisicamente imprestável. Depois senti um sopro gelado chegar da janela do Leste onde a Lua havia

se erguido e comecei a ouvir os gritos no castelo muito abaixo de onde eu estava. Aqueles gritos logo atingiram uma feição e magnitude indescritíveis que me fazem desmaiar sempre que as recordo. Tudo que posso dizer é que eles vinham de algo que eu conhecera como um amigo.

Em algum momento desse momento estarrecedor, o vento frio e a gritaria devem ter-me acordado, pois minha impressão seguinte é de ter percorrido ensandecido quartos e corredores às escuras, saído do castelo e cruzado o pátio para a noite hedionda. Encontraram-me, ao amanhecer, errando inconsciente perto de Ballylough, mas o que descompensou definitivamente não foram os horrores que vira ou ouvira anteriormente. O que eu balbuciava quando saí lentamente das trevas, dizia respeito a dois incidentes fantásticos ocorridos durante minha fuga: incidentes sem qualquer significado, mas que me assombram incessantemente sempre que estou sozinho em certos locais pantanosos ou sob o luar.

Fugindo daquele castelo maldito pela beira do pântano, ouvi um novo som: comum, mas diferente de tudo que eu ouvira antes em Kilderry. Nas águas estagnadas, ultimamente sem nenhuma vida animal, agora fervilhava uma horda de rãs enormes e viscosas que guinchavam sem parar em tons estranhamente desproporcionais a seus tamanhos. Elas reluziam, verdes e malhadas, sob o luar, parecendo olhar para a fonte da luz. Acompanhei o olhar de uma rã muito gorda e asquerosa e vi a segunda coisa que me perturbou o juízo.

Meus olhos pareceram distinguir, estendendo-se diretamente da estranha e antiga ruína na ilhota distante

para a lua minguante, um feixe de luz fraca e bruxuleante que as águas do pântano não refletia. E, subindo por esse pálido caminho, minha fantasia febril imaginou ver uma sombra esbelta retorcendo-se lentamente, uma vaga sombra retorcendo-se, como que arrastada por demônios invisíveis. Enlouquecido como eu estava, vi naquela sombra pavorosa uma monstruosa semelhança – uma caricatura nauseante, inacreditável – uma efígie blasfema daquele que havia sido Denys Barry.